

# Psicoterapia: quanto custa a sessão?

*Psychotherapy: how much should a session cost?*

*Psicoterapia: ¿cuanto cuesta la sesión?*

Dhones Stalbert Nunes Silva\*

## Resumo

*Esta pesquisa teve como objetivo conhecer as principais dificuldades enfrentadas pelos psicólogos no processo de estabelecimento dos seus honorários referente aos serviços de psicologia clínica na cidade de Caruaru/PE. Foi executada através de métodos qualitativos, sendo utilizada a entrevista semidirigida para coleta dos dados e na sistematização dos dados utilizamos a análise de conteúdo de Bardin. Participaram da pesquisa três psicólogas que residem e trabalham na cidade referida. Ficou evidente que as orientações sobre o estabelecimento dos honorários na prática clínica ou inexistiram ou foram inconsistentes; quando o assunto são as dificuldades enfrentadas ao estabelecer o valor da sessão percebemos certa ansiedade quando necessitam negociar o valor com o paciente devido à falta de instrução. Ao final, percebemos que as vivências práticas que facilitaram o manejo do dinheiro na relação, foram as trocas de experiência entre os colegas, a flexibilização do valor a partir da necessidade real do cliente e principalmente da forma de pagamento. Concluímos que se faz necessário sensibilizar as instituições de ensino de psicologia e seus professores para sistematizar discussões sobre o tema, apesar de compreendermos que não existe consenso sobre o assunto e que precisamos fomentar mais pesquisas nesta área para proporcionar um maior suporte teórico.*

**Palavras-chave:** Honorários; Prática clínica; Enquadre.

## Abstract

*This research aimed to study the main difficulties faced by psychologists in the process of establishing their fees for clinical psychology services in the city of Caruaru / PE. It was performed using qualitative methods, using semi-directed interview for data collection and tabulation using Bardin content*

---

\* Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. E-mail: obra.dhones@hotmail.com

*analysis. Three psychologists living and working in this city participated in the study. It became obvious that the guidelines on the establishment of fees in clinical practice either did not exist or were inconsistent when the subject faced difficulties in establishing the cost of the session. We perceived anxiety when negotiation with the patient was required and this was attributed to a lack of education. In the end, we realized that the practical experiences that facilitated the management of money in the relationship were the exchange of experience among colleagues, the flexibility needed due to client's financial issues and also payment format. We conclude that it is necessary to educate psychology teaching institutions and their teachers to systematize discussions about the subject although we understand that there is no consensus on the subject and we need to encourage more research in this area to provide greater theoretical support.*

**Keywords:** *Fees; Clinical practice; Framework.*

## Resumen

*Esta investigación tuvo como objetivo conocer las principales dificultades enfrentadas por los psicólogos en el proceso de establecer sus honorarios relacionados con los servicios de psicología clínica en la ciudad de Caruaru / PE. Fue realizada a través de métodos cualitativos, siendo utilizada la entrevista semidirigida para la recolección de datos y en la sistematización de los datos se utilizó el análisis de contenido de Bardin. Participaron de la investigación tres psicólogas que residen y trabajan en la ciudad citada. Fue evidente que las orientaciones sobre el establecimiento de los honorarios en la práctica clínica o no existieron o fueron inconsistente; cuando el asunto son las dificultades enfrentadas al establecer el valor de la sesión se notó cierta ansiedad cuando necesitan negociar el valor con el paciente debido a falta de instrucción. Al final, fue percibido que las vivencias prácticas que facilitaron el manejo del dinero en la relación, fueron los intercambios de experiencia entre los colegas, la flexibilización del valor a partir de la necesidad real del cliente y principalmente la forma de pago. Se concluyó que es necesario sensibilizar las instituciones de enseñanza de psicología y sus profesores para sistematizar discusiones sobre el tema, a pesar de comprender que no existe consenso sobre el asunto y que es necesario fomentar más investigaciones en esta área para proporcionar un soporte teórico mayor.*

**Palabras clave:** *Honorarios; Práctica clínica; Encuadre.*

Diante do exercício inicial de qualquer profissão, são inerentes a este momento diversas inseguranças. Apesar de alguns cursos proporcionarem um estágio obrigatório, o mesmo demonstra-se insuficiente na promoção de uma total imersão do neo profissional no campo de trabalho, principalmente se a profissão é cheia de nuances, como no caso da psicologia que lida com a subjetividade humana a partir de diversos prismas teórico/práticos. Conforme Figueiredo (2008), a psicologia é um lugar de diversas dispersões teóricas e práticas em que, apesar de possuir alguma unidade entre as diferentes áreas e abordagens, predomina uma pluralidade caótica entre os diversos sistemas psicológicos.

Sabemos que a psicologia ainda é considerada uma profissão que surgiu recentemente em nosso país levando em consideração que sua regulamentação como profissão só ocorreu no ano de 1962, o que equivale afirmar que ela existe apenas há cinquenta e sete anos, apesar da disciplina de psicologia ser ensinada em nosso país desde a década de 1930. A partir da regulamentação a área que esteve mais evidente no imaginário social como principal campo de atuação profissional foi a clínica, porém atualmente outras áreas já começam a possuir maior visibilidade social, segundo Assis e Mattheus (2014).

Durante o processo de formação dos psicólogos fica evidente a importância do enquadre para o atendimento psicoterapêutico, visto que o mesmo proporciona uma maior eficácia ao atendimento clínico. Um dos aspectos que faz parte do enquadre é o estabelecimento do honorário, porém durante a nossa formação de psicólogo tal aspecto ou é abordado de forma superficial ou mesmo não é problematizado durante o curso, gerando dúvidas e insegurança quando o profissional necessita negociar o valor da sua consulta com o seu cliente/paciente.

Quando articulamos a questão do dinheiro à prática da psicoterapia clínica, evidenciamos uma profunda escassez de literatura que aborde o tema. Ao pesquisarmos nas bases de dados SciELO – Biblioteca Eletrônica Científica Online e na PePSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia, encontramos apenas uma dissertação de mestrado e três artigos científicos. Essa realidade vem apenas validar o quanto este tema tem sido negligenciado durante a formação dos novos profissionais de psicologia.

Essas circunstâncias nos fizeram questionar: quais as principais dificuldades enfrentadas por psicólogos no processo de estabelecimento dos honorários referentes aos atendimentos psicoterapêuticos?

Diante de tal questionamento esta pesquisa teve como objetivo conhecer as principais dificuldades enfrentadas pelos psicólogos no processo de estabelecimento dos seus honorários referentes aos serviços de psicologia clínica, especificamente na modalidade de atendimento psicoterapêutico em consultório particular, na cidade de Caruaru/PE. Para isso, descrevemos o que a literatura técnica aborda acerca do estabelecimento dos honorários e sua importância para o processo terapêutico, identificamos quais são as dificuldades encontradas pelos psicólogos no estabelecimento dos honorários dos serviços psicoterapêuticos e indicamos quais as principais estratégias que os profissionais utilizam para superar as dificuldades encontradas no ato do estabelecimento dos honorários.

Esta pesquisa buscou contribuir socialmente com uma reflexão acerca de um tema pouco discutido na academia durante a formação dos psicólogos, já que a escassez desse debate pode fragilizar a atuação profissional. Sendo assim, essa pesquisa colabora com a formação dos psicólogos ao fornecer dados capazes de ajudar o processo de ensino aprendizagem da cobrança do valor dos serviços clínicos, de modo que a sociedade encontre psicólogos mais qualificados quando o assunto for o manejo do dinheiro na relação psicoterapêutica.

Enquanto relevância científica para a comunidade acadêmica, a pesquisa favoreceu o debate de uma questão pouco falada nos cursos de psicologia, situação que constatamos através da escassez de material bibliográfico que aborde o tema. Sendo assim, trouxemos o tema ao universo da discussão científica de modo que instigue outros pesquisadores a aprofundarem a questão, favorecendo a formação dos novos profissionais para que os mesmos possam chegar ao mercado de trabalho mais seguros quando precisarem tratar das questões relativas a honorários.

Por fim, esta pesquisa contribuiu para o nosso crescimento profissional, visto que durante a graduação este tema foi pouco abordado, gerando muitas dúvidas no início da nossa carreira profissional, pois ao nos aproximarmos das dificuldades vividas por outros profissionais

poderemos ressignificar nossas experiências clínicas e encontrar novos modos de gerenciar as nossas vivências de negociação de valores com os nossos clientes/pacientes.

## BREVE REVISÃO CONCEITUAL SOBRE O TEMA

Conforme problematiza Gross (2008), a dificuldade de estabelecimento dos honorários não se restringe apenas aos profissionais recém formados, mas é próprio também da relação terapêutica estabelecida por profissionais experientes, sendo necessário que avaliemos o significado do dinheiro para o cliente/paciente, assim como para o psicoterapeuta, já que este aspecto atravessará toda a relação terapêutica enquanto durar o processo.

No processo terapêutico em psicologia o estabelecimento dos honorários faz parte do processo de enquadre, momento no qual os psicólogos estabelecem um contrato terapêutico com os seus clientes/pacientes. Zimermam (2004) nos apresenta como o contrato é importante, já que fará parte de todo o processo:

A palavra contrato pode ser decomposta em “com” + “trato”, isto é, ela significa que, além do indispensável acordo manifesto de algumas combinações práticas básicas que irão servir de referência à longa jornada da análise, há também um acordo latente que alude a como o analista e o paciente tratar-se-ão reciprocamente. (Zimermam, 2004, p.62)

Diversos aspectos da nova relação que se estabelece entre terapeutas e clientes/pacientes precisam ser definidos nos encontros iniciais, tais como: “direitos e deveres de cada um, combinação de valores e forma de pagamento, horários, plano de férias” (p.62), como nos mostra Zimermam (2004). Neste momento, são delineados os modos pelos quais ambos se nortearão durante o processo terapêutico e por esta razão as questões relativas a quanto custa a sessão atravessará todo a relação; caso esta questão não esteja confortável para ambos, poderão surgir grandes dificuldades para os envolvidos no processo.

O estabelecimento do enquadre e do setting<sup>1</sup> terapêutico deve ser trabalhado na relação de modo adaptável às peculiaridades de cada sujeito e de seu terapeuta, pois como problematiza Calligaris (2008), “A imposição de um setting não vai curar ninguém, e seu propósito não é colocar condições que dificultem a relação terapêutica, mas permitir que o paciente se engaje na cura”. (p.111)

Como afirma Lasky, (1984 como citado por Gross, 2008, p. 12), as questões financeiras precisam estar confortáveis para o psicoterapeuta de modo que promova uma abertura e clareza no diálogo com o seu cliente sobre a questão do dinheiro, já que uma conversa clara e franca beneficia o vínculo terapêutico. Situação bem diferente quando os psicólogos guardam conflitos a este respeito que implicam em uma possível fragilização no processo. Pois como afirma Calligaris (2008), “A importância da confiança para que as curas funcionem vale provalmente para todas as profissões da saúde. E vale mais ainda no caso da psicoterapia”. (p.7)

Outro aspecto interessante apresentado nos estudos da área é que psicoterapeutas recém-formados tendem a estabelecer baixos honorários como forma de justificar a sua falta de experiência como psicólogo clínico, existindo deste modo uma desvalorização da figura do terapeuta. Também observamos outra justificativa para o baixo valor cobrado pelos atendimentos, devido a uma peculiaridade do serviço de psicologia clínica em que, diferente de outros profissionais da saúde, o cliente geralmente comparece ao consultório pelo menos uma vez por semana. Essa frequência de algum modo gera um impacto na renda do mesmo, como nos apresentam Gross e Teodoro (2009).

Essa inexperiência em estabelecer o valor da sessão é justificada pela forma como o assunto é tratado na academia durante a formação dos psicólogos. Nossos docentes não costumam abordar o tema durante as aulas, deixando seus discentes desprovidos de informações que podem comprometer toda a prática profissional fora da faculdade e, na maioria

---

1 “O setting resulta de uma conjunção de regras, atitudes e combinações, tanto as contidas no ‘contrato analítico’ como também aquelas que vão se definindo durante a evolução da análise, como os dias e horários das sessões, os honorários com a respectiva modalidade de pagamento, o plano de férias, etc.” (Zimerman, 2004, p.67, grifo do autor)

das vezes em que o professor aborda o assunto, é de modo muito superficial, não deixando evidente as peculiaridades que permeiam a relação de negociação dos honorários.

Noronha (2007), em sua pesquisa, pontua a lacuna deixada pela formação, visto que, até então, não havia na instituição de ensino pesquisada a possibilidade prática de aprender como negociar o valor dos atendimentos prestados pelos estagiários e seu impacto na relação terapêutica.

A ausência dessa aprendizagem nos leva a imaginar quantas dificuldades os psicólogos formados nessa instituição enfrentam em sua prática clínica, devido à inexistência de formação prática acerca da negociação dos seus honorários e as implicações que esta situação pode provocar ao vínculo terapêutico. Quando não negociamos os nossos honorários, acabamos subutilizando a relação que o dinheiro tem com as questões transferenciais, como apresentado por Monger e Jacobs (1986 como citado em Gross, 2008, p. 30): o dinheiro na relação terapêutica vai estar fortemente ligado às questões transferenciais e contratransferências, o que pode influenciar significativamente o resultado do trabalho realizado.

Também na abordagem psicanalítica compreende-se que o valor pago pelo cliente refere-se ao quanto o mesmo está disposto a investir em seu tratamento, como se o valor pago refletisse a capacidade que o cliente/paciente possui em se dedicar ao processo psicoterapêutico, pois desembolsar certo valor, que muitas vezes exige um sacrifício do sujeito, impõe indiretamente ao mesmo a seguinte prerrogativa: quanto mais implicado eu estiver no processo, mais rápido deixarei de pagar este valor reestabelecendo o meu conforto financeiro.

Já Tulipan (1986 como citado em Gross, 2008, p. 32), “acredita que o dinheiro pode servir como um meio de motivação para a mudança psicoterapêutica, mas não algo impulsionado pelo sentido de sacrifício para o cliente”.

Dois são os principais aspectos elencados para justificar a escassez dessa discussão ou mesmo de formação durante a graduação dos psicólogos; o primeiro é a existência de uma resistência dos teóricos em abordar o tema

e o segundo é a falta de consenso entre os profissionais sobre o modo de estabelecer o valor da sessão, como apontado por Chodoff et al., (1964 como citado em Gross, 2008, p. 30).

Esta falta de consenso ainda é acentuada pelas diversas abordagens teórico-metodológicas existentes na psicologia, tais como: Psicoterapia cognitivo comportamental, Psicoterapia de base psicanalítica, Psicoterapia Centrada na Pessoa, Psicoterapia de perspectiva fenomenológica existencial, Psicoterapia Holística, dentre outras. Cada uma dessas abordagens olhará para os fenômenos humanos e psicológicos a partir de um prisma conceitual totalmente diferente.

Outra dimensão importante para a cobrança dos honorários é o aspecto ético da relação psicoterapêutica que visa promover relações respeitadas, com dignidade e liberdade para psicoterapeutas e pacientes/clientes. O Código de Ética do Profissional de Psicologia em seu artigo 4º é claro ao afirmar que para fixarmos os valores dos nossos serviços precisamos levar em consideração os seguintes aspectos:

- a) Levará em conta a justa retribuição aos serviços prestados e as condições do usuário ou beneficiário;
- b) Estipulará o valor de acordo com as características da atividade e o comunicará ao usuário ou beneficiário antes do início do trabalho a ser realizado;
- c) Assegurará a qualidade dos serviços oferecidos independentemente do valor acordado (Conselho Federal de Psicologia, 2005, p. 11).

Também é interessante perceber que o CFP (Conselho Federal de Psicologia) em seu site disponibiliza uma tabela de honorários na qual estabelece um limite inferior e superior dos valores a serem praticados pelos diversos serviços inerentes à função do psicólogo, apesar da mesma não ser vinculante de modo a obrigar os profissionais a segui-la. Percebemos que o seu limite inferior acaba não servindo como parâmetro devido a mesma não estar contextualizada por região, levando em consideração apenas realidades do sul e sudeste do nosso país.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em pesquisa do Centro Universitário do Vale do Ipojuca – UNIFAVIP/WYDEN no dia 11/05/2018. Após a aprovação do mesmo, a pesquisa foi iniciada obedecendo a Resolução 510/2016 do Ministério da Saúde, contemplando as considerações éticas envolvidas e princípios enunciados tendo como CAAE o nº 90814718.1.0000.5666.

O estudo foi executado através de métodos qualitativos no qual utilizamos a pesquisa de campo que segundo Vergara (2009, p.43), “é a investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo”.

### Participantes

O universo da pesquisa de campo foi composto por psicólogos clínicos que atuam em clínicas particulares e que atendem na cidade de Caruaru/PE, dos quais foram convidados três participantes.

A seleção dos participantes se deu por acessibilidade, caracterizando-se como uma amostra não probabilística, que segundo Vergara (2009), tal procedimento “[...] seleciona elementos pela facilidade de acesso a eles”. (p.47). A amostragem foi deliberada; segundo Turato (2008), “[...] o autor do projeto delibera quem são os sujeitos que comporão seu estudo, segundo seus pressupostos de trabalho, ficando livre para escolher entre aqueles cujas características pessoais possam [...] trazer informações substanciais sobre o assunto em pauta”. (p.357).

### Instrumentos

Para coleta de dados foi utilizada a entrevista semidirigida, que segundo Turato (2008), é um instrumento auxiliar que possibilita a ambos os integrantes da relação tomar a direção do processo, representando um

ganho para obtenção dos dados. A mesma foi composta por três questões norteadoras que atendem aos objetivos desta pesquisa. A entrevista durou aproximadamente trinta minutos.

A realização da entrevista iria ocorrer no consultório (sala de realização dos atendimentos psicoterápicos individuais) dos psicólogos participantes, já que escolhemos operacionalizar o estudo no ambiente natural, que segundo Turato (2008) “[...] deve ficar claro que o ambiente natural é o local certo para a coleta dos dados, pois a configuração ambiental engloba e preserva as incontáveis características e relações da pessoa, alvo de nossos estudos [...]”. (p.250). Seria em horário que facilitasse sua realização evitando possíveis interrupções que pudessem dificultar ou interferir na coleta de dados. Porém por opção das participantes, devido à conveniência, duas entrevistas ocorreram nas residências das psicólogas em local tranquilo, não havendo interrupções durante a realização das mesmas e apenas uma ocorreu no consultório da profissional.

Duas das entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra de modo que favorecesse sua análise de conteúdo. A terceira, a profissional solicitou que fosse transcrita à medida que a mesma verbalizasse suas respostas, por não se sentir à vontade na presença do gravador de áudio. A escolha deste instrumento se deu devido a sua preciosidade apresentada por Turato (2008) que afirma: “A entrevista, [...] é um instrumento precioso de conhecimento interpessoal, facilitando no encontro face a face, a apreensão de uma série de fenômenos, de elementos de identificação e construção potencial do todo da pessoa [...]”. (p.308).

## Análise dos dados

Para a sistematização dos dados foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2011) que segundo Vergara (2006), “é considerada uma técnica para o tratamento de dados que visa identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema.” (p.50), pois, ao se realizar uma entrevista, os conteúdos que surgem nos diversos discursos dos entrevistados, apesar de serem direcionados por perguntas norteadoras, divergem quanto às características pessoais das vivências de cada sujeito.

Através deste recurso os dados foram agrupados em eixos de análise, o que significa dizer que houve um isolamento dos dados para posteriormente agrupá-los. Desta forma os dados da pesquisa, além de proporcionarem novos conhecimentos sobre as dificuldades enfrentadas pelos psicoterapeutas no processo de estabelecimento do valor dos seus honorários, servirão de base para auxiliar novos estudos que venham a surgir acerca desse tema, favorecendo a ampliação e o desenvolvimento do conhecimento científico desta área, já que é evidente uma escassez de produções com esse viés. Esperamos, portanto, que os resultados sejam capazes de instigar novos pesquisadores a aprofundar o entendimento sobre essa temática da psicologia clínica.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a realização da pesquisa percebemos a necessidade de especificar o tempo de prática profissional de cada participante, já que acreditamos que possivelmente a experiência profissional e o tempo de formação podem influenciar diretamente no manejo da relação com o seu cliente/paciente. Por esta razão seguem abaixo as informações:

**Tabela 1 – Características relevantes das participantes**

Identificação do participante	Idade	Tempo de formação	Tempo de prática clínica	Média de atendimentos/mês
Psi. 01	25 anos	2 anos e 7 meses	2 anos	14 atendimentos
Psi. 02	48 anos	1 ano e 7 meses	9 meses	16 atendimentos
Psi. 03	49 anos	25 anos	23 anos	120 atendimentos

Fonte: Elaborado pelo autor com dados extraídos da pesquisa

Foi extremamente importante para a pesquisa ter participantes com uma distinção no tempo de formação e prática clínica, já que conseguimos comparar duas visões distintas entre profissionais iniciantes e uma profissional que já se encontra consolidada no mercado de trabalho. Participaram

desta pesquisa apenas profissionais do sexo feminino, duas continuam trabalhando atualmente e a Psi. 02 no momento não está atuando na clínica; todas residem e trabalham na cidade de Caruaru/PE.

Após a leitura exaustiva da transcrição das entrevistas surgiram três categorias de análise nas quais pudemos identificar se houve, durante a graduação, alguma formação sobre como estabelecer os honorários, quais as dificuldades enfrentadas pelas psicólogas para a definição dos valores das suas consultas e por fim acessamos algumas vivências práticas sobre como administrar a questão dinheiro na relação clínica.

### Orientações inexistentes ou inconsistentes

Assim como percebemos na literatura uma escassez de material que aborde o tema, nos discursos das participantes está presente um verdadeiro desamparo teórico prático sobre o assunto, pois mesmo quando a temática foi abordada durante a graduação não fica evidente uma consistência que proporcione aos profissionais um sentimento maior de segurança em relação à questão.

Quando questionamos as participantes se durante a sua formação acadêmica em psicologia elas aprenderam formas para o estabelecimento dos honorários do serviço obtivemos as seguintes afirmações:

**PSI. 01** – Não, na verdade como é que eu posso dizer? Aconteceu, mas de forma muito breve e muito falha. Durante a formação foi solicitado pelo grupo de supervisão que tivéssemos um norte, porém devido à necessidade de se preparar para o Enade houveram [sic] muitas interrupções do processo de supervisão, daí o que foi acordado entre o grupo foi que seria priorizado as supervisões dos casos clínicos [...]. Neste tempo tivemos uma oportunidade para compreendermos como deveria ser feito o cálculo do valor das sessões, daí o grupo pensou em convidar uma psicóloga da cidade para relatar como a mesma estabelecia seus valores e como via o mercado. [...] Só que na verdade foi falho, pois a profissional não conseguiu transmitir com clareza sua realidade, nem a situação do mercado e muito menos houve tempo de se trabalhar a questão dos valores que era o foco desde quando o convite foi feito.

Percebemos na fala da participante que a turma optou em priorizar a supervisão dos casos clínicos por considerarem mais necessário, porém apesar de optarem pela supervisão não ficou evidente na entrevista se durante a mesma falava-se sobre o assunto honorários. Assim optaram em convidar uma profissional externa à instituição que, de acordo com a PSI. 01, não contribuiu para o entendimento do tema. O interessante é que a mesma começa se contradizendo, pois afirma inicialmente que não teve instrução e em seguida relata que teve de forma falha. Possivelmente isso ocorra devido à sensação de que tal experiência na graduação foi insuficiente.

Na sequência a PSI. 01 complementa sua afirmação ao relatar outra situação na qual o tema foi abordado durante sua graduação.

**PSI. 01** – Houve outra oportunidade que não foi no grupo de supervisão, mas nas aulas voltadas à abordagem escolhida, então de forma muito breve foi nos passado que nós precisávamos calcular nosso custo de vida incluindo extras, viagens, investimento nos estudos, custos de transporte e de manter a clínica ativa, alimentação, tudo isso, todo um custo de vida, assim como o próprio gasto da pessoa em casa. Ao final juntava todo esse valor e dividia o total por mês para poder tirar uma base do valor da sessão.

A única orientação que esta participante recebeu durante a graduação foi que deveria realizar a soma das suas despesas gerais e em seguida dividir por mês. Não fica claro como este procedimento deve ser sistematizado, já que ao final seria apenas para basear o valor da sessão.

Já a PSI. 02 relata que os seus professores deram um suporte sobre o assunto, mas a mesma em seu discurso não chega a descrever quais eram os parâmetros ensinados pelos professores.

**PSI. 02** – A gente tem todo o parâmetro que o professor passa [...] os honorários que podíamos fazer, uma coisa era certa: o supervisor e os professores passavam para nós não chegarmos explorando porque até então éramos vistos como uma pessoa que fosse oferecer ajuda e não explorar o seu paciente.

Ao perceber que a entrevistada estava se afastando do contexto da pergunta, fizemos outra indagação: **PSI. 02** quais foram as técnicas que te ensinaram na faculdade para você estabelecer o valor da sua consulta? Ela prontamente responde:

**PSI. 02** – Olhe, para ser sincera, cada professor falava uma coisa e os professores que eu peguei, uns davam um ânimo [...] outros que eram sinceros também em dizer, não vá extrapolar, [...] veja primeiro o paciente como ele é, porque ele está procurando o atendimento, o histórico dele, para poder você ver como irá cobrar.

Em sua resposta percebemos que a orientação recebida foi de que não deveria explorar seus pacientes, ficando atenta sobre quem ele é, seu histórico, para daí ver como iria cobrar. A impressão com que ficamos é que cada valor deve ser personalizado de acordo com o paciente. Percebemos que a profissional, ao se posicionar desse modo, atua de forma ética de acordo com Ferreira Neto e Penna (2006, p. 384), que afirmam: “a transmissão da ética implica levar em consideração a singularidade de cada situação clínica e a especificidade de cada caso”. O posicionamento ético na prática do psicólogo é de fundamental importância para o processo, já que é essa dimensão do atendimento que mobiliza o profissional a buscar subsídios técnicos que embasem e respaldem o seu trabalho clínico.

A profissional com maior tempo de prática clínica deixou claro que em sua formação não houve instruções sobre as questões dos honorários, situação que provocou na mesma uma confusão, pois ela chegou a se questionar durante a sua vida profissional se não havia prestado atenção nas aulas por não ter nenhum registro acerca do tema, como veremos a seguir. Isso nos remete à fala de Noronha (2007), quando o mesmo afirma existir um buraco na formação.

**PSI. 03** – Eu estudei na Federal em 1987 e não lembro em nenhum momento de termos tido algo específico para trabalhar como a gente iria manejar as questões dos honorários e a prestação de serviço, já que a nossa profissão é uma prestação de serviço na área clínica. E olhe que na Federal o foco era a clínica, mas não lembro de ter sido abordado este assunto, então você sai da faculdade sem nenhuma orientação. Nem lembro de quando fui ao Conselho fazer o registro e ter recebido orientação, embora o mesmo

tenha uma tabela de honorários que eu raramente olhei na vida. Acho que todo mundo também, mas nenhuma orientação, nenhuma orientação. Eu não lembro, eu não tenho este registro e vasculhei muito na época, meu Deus, será que foi eu que nunca prestei atenção? Não lembro!

O que aproximou um pouco a PSI. 03 da prática dos honorários foi que em seu estágio a instituição cobrava um valor para as pessoas que procuravam o atendimento, mas mesmo assim o valor não era negociado com o paciente, já estava determinado pela instituição, impedindo que a mesma tivesse contato com as nuances desta etapa do processo terapêutico conforme exemplificado em sua fala:

**PSI. 03** – Eu lembro que lá a gente estagiava e era cobrado um valor simbólico, os pacientes pagavam, mas era só isso. Pagava diretamente a uma pessoa da instituição, a gente dizia o valor, mas isso era feito a outra pessoa. Eu não lembro de pegar em dinheiro, mas era um valor simbólico porque a comunidade ali perto do CFCH na Federal, que não tinham essa condição de fazer um pagamento de um valor, era cobrado um valor simbólico, e aí isso me faz pensar: valor simbólico? Que valor é esse que é dado à terapia? Tá, ali é uma comunidade, uma prestação de serviço. Não tenho referência de um trabalho voltado para nos preparar para a vida clínica, embora o enfoque fosse totalmente a área clínica.

## Dificuldades no estabelecimento dos honorários

Quando o assunto é dificuldades para o estabelecimento dos honorários na prática clínica percebemos o impacto provocado pela falta ou inconsistência de instruções acerca de como estabelecer o valor da sua sessão. Através da fala da PSI. 03 pudemos fazer um comparativo entre o início da sua prática profissional e o momento atual, salientando que o tempo de exercício da profissão evidentemente deu à profissional um manejo das questões inerentes ao dinheiro, como veremos a seguir:

**PSI. 03** – No início foi muito difícil e quando eu comecei a clinicar eu já estava formada há um ano e meio. Eu inicialmente trabalhei na área escolar onde passei um ano e meio em uma escola e quando comecei em outra escola eu conheci uma amiga que foi trabalhar junto comigo e ela estava retomando o consultório [...]. Em relação à questão dos honorários me dava

uma ansiedade muito grande porque quanto vale o meu trabalho? Eu estou começando, então o meu trabalho não vale muito, então como cobrar quando o cliente avisa em cima da hora ou falta e não avisa, como cobrar isso? Passei muito tempo com muita dificuldade de cobrar as faltas, [...] no começo foi muito difícil, é tanto que levei alguns prejuízos. Algumas pessoas eu fiz o acordo de receber no final do mês e a pessoa nunca me pagava. [...] Como me empoderar para cobrar pelo trabalho que estou prestando? Eu sempre fiz supervisão, terapia, nunca deixei de trabalhar com isso, são 25 anos indo para 26 anos que eu nunca passei um período sem um trabalho pessoal, sem supervisão, sem algum curso e sem um investimento.

É evidente quantas interrogações acerca de como cobrar, da sua capacidade, do valor do seu trabalho que poderiam ser minimizadas se recebêssemos instruções que fornecessem um suporte teórico prático para estas vivências típicas do começo do exercício profissional clínico. A experiência obtida ao longo dos anos favoreceu uma realidade mais tranquila para a PSI. 03, conforme ela nos relata:

**PSI. 03** – Hoje é totalmente bem diferente, bem mais tranquilo porque eu consigo ter um valor dentro dessa crise, mas me sinto bem mais aberta para flexibilizar diante de alguém que não tenha uma condição, eu não deixo de atender aquela pessoa por conta disso. Então é totalmente diferente, mas vez ou outra eu me vejo flexibilizando demais, mas mesmo eu flexibilizando não levo nenhum desacerto em relação a isso. Eu acho que faz parte da terapia. O pagamento é terapêutico! Faz parte de todo vínculo que você constrói, aquele horário que você determina, o quanto é importante para pessoa aquele espaço, então mesmo que eu demore um pouco mais para receber, eu não tenho problema da pessoa me dar uma coisa que eu não me sinta valorizada pelo meu trabalho.

É importante ressaltar que segundo Shields (1997 como citado por Gross, 2008, p. 22) a forma como o psicoterapeuta administra a questão dos seus honorários afeta a vida do profissional, sendo necessário um bom manejo. Percebemos que a partir do momento que a experiência forneceu um suporte para a PSI. 03 a mesma passou a se sentir mais segura e bem mais tranquila, porém até mesmo com vários anos de prática a mesma se percebe flexibilizando demais às vezes; isso nos alerta para a necessidade de uma atitude atenta apesar dos anos de profissão.

Outra dificuldade identificada durante a pesquisa foi o impacto que o preconceito social gera sobre o exercício da profissão, dificultando a cobrança do valor integral da sessão, já que os estereótipos dificultam a valorização do atendimento psicológico. Isso nos remete à afirmação feita por Assis e Mattheus (2014, p. 66, grifo do autor) que a psicologia “ainda é uma profissão bastante estereotipada como ligada apenas à clínica e cujo profissional é visto como um ‘médico de doido’ entre outros”, apesar disso, já se vislumbra alguns avanços na representação social da profissão dependendo da região e das características da população pesquisada.

**PSI. 01** – A gente enfrenta dificuldades devido à existência do preconceito da sociedade em relação ao trabalho do psicólogo, as pessoas também banalizam muito as doenças psicológicas. Eu sinto que por conta dessa resistência as pessoas não valorizam a profissão, por esta razão se torna difícil, pois ao mesmo tempo que penso nos meus custos preciso lidar também com a questão da desvalorização profissional. [...] as pessoas não querem pagar o valor cheio da sessão por não valorizar a profissão do psicólogo, afirmando que preferem ir ao shopping conversar com um amigo e fazer compras para se distrair. Compreendendo que dessa forma vai aliviar o que está sentindo.

Gross (2008) já sinalizava que quando o paciente paga um valor inferior ao que realmente tem condição de pagar sinaliza provavelmente uma desvalorização do papel do psicoterapeuta, seja porque ele acredita que o mesmo não tem experiência suficiente, ou descredita no seu potencial. Já a PSI. 02 aponta que sua principal dificuldade é não ganhar dinheiro suficiente para se manter na área de psicologia clínica.

**PSI. 02** – [...] os honorários que você tem num país que a gente vive, nas condições que me formei, numa crise que passou, é aquela coisa que você não vai lucrar muito não. Não sei se para outras pessoas se torna fácil, mas é uma coisa que você gasta muito e o retorno é pouco, muito pouco. Você tem que lutar um bom tempo, um bom ano e não vive só de clínica não. Você tem que se capacitar, você tem que fazer curso, você tem que fazer pós, ir atrás de outras coisas porque o honorário que você recebe para viver de clínica é pouco.

## Vivências práticas

Por fim, foi questionado às profissionais sobre as estratégias que elas utilizavam para superar as dificuldades no estabelecimento do valor dos seus honorários. Optamos por nomear este eixo de análise como vivências práticas, devido percebermos na fala das entrevistadas um teor mais vivencial que meramente estratégias a serem seguidas. Serão descritas experiências que poderão servir para nortear outros profissionais, mas jamais servirá como uma cartilha a ser seguida, visto o aspecto inerente e próprio de cada relação.

**PSI. 03** – Bem, com o tempo a gente vai aprendendo a lidar e entender que é uma prestação de serviço. Aprende a valorizar muito mais, a conversar com os colegas e ver como cada um está lidando, se seu valor está muito abaixo ou está muito acima. [...] Então hoje as estratégias são bem mais tranquilas, cada caso é um caso, então eu não deixo de atender ninguém por conta do valor, eu ajusto, a gente vai vendo e uma coisa vai equilibrando a outra e a gente tem que considerar o valor que aquela pessoa dá ao processo terapêutico, então não é só o dinheiro. Eu não trabalho por dinheiro, o dinheiro para mim é consequência, senão eu não daria conta de tantas horas de trabalho semanais.

Já a PSI. 01 busca trabalhar do seu modo, negociando com o cliente apenas quando percebe que o mesmo possui uma limitação financeira real. Sua fala nos remete à Reider (1986, como citado por Gross, 2008, p. 31) quando ele fala que existe uma falta de consenso sobre a questão dos honorários, pois é interessante perceber que esta psicóloga busca trabalhar do seu modo sem se basear nas experiências de outros profissionais, como no caso da PSI. 03. Segue sua fala:

**PSI. 01** – Não crio estratégias, tento trabalhar do meu modo passando para o cliente o valor da minha sessão e por quanto eu posso atender. Compreendendo assim o meu comprometimento com o paciente, com minha profissão.

Apesar de sabermos que cada profissional possui o seu modo de trabalho precisamos ficar atentos ao que afirma Calligaris (2008), que não é a imposição de aspectos do setting terapêutico que irá proporcionar ao paciente a cura, mas cada aspecto do enquadre deve facilitar o engajamento

do sujeito no processo. No caso da PSI-01, percebemos uma firmeza no seu discurso que aparentava uma atitude inflexível; isso devido à sua entonação durante a fala, quando afirma “tento trabalhar do meu modo passando para o cliente o valor da minha sessão e por quanto eu posso atender”. Sua fala nos remete aos aspectos éticos da profissão, apontados por Ferreira Neto e Penna (2006, p.384), quando afirmam que “a conduta ética requer a escuta da particularidade de cada caso”. Interessados em aprofundar essa questão ética apresentada na fala da participante questionamos como a mesma agia quando o seu cliente não apresentava condições de pagar o valor da sua sessão; então ela explica:

**PSI. 01** – Negocio quando vejo que esta situação não é uma limitação no sentido do seu relacionamento com dinheiro, levando em consideração o sentido que o mesmo dá ao espaço terapêutico. Deste modo eu abro exceções, daí eu procuro compreender qual a real limitação do cliente, não deixo de atendê-lo, reduzo o valor total da sessão ou alterno os pagamentos de modo que o cliente paga uma sessão e outra não.

No caso da PSI. 02 percebemos que a mesma demonstra um afrouxamento da condição do enquadre, quando motivada por suas emoções adotava uma postura denominada pela mesma de “coração mole”.

**PSI. 02** – Tu acredita que eu nunca parei para dizer assim: vou pensar assim para ser assim, porque muitas vezes eu tenho um coração mole. Se o paciente chegasse e dissesse assim: doutora eu não tenho hoje não... Não sei se é porque eu peguei muitos casos assim bombásticos, pela necessidade teve um, ou melhor dois que foi um suicida e outro foi abuso sexual. Ao perceber a necessidade de fazer alguma coisa eu tirava essa necessidade de estar cobrando, uma estratégia que eu tinha era essa.

A PSI. 02 em algumas situações utiliza a flexibilização da forma de pagamento, na qual a profissional possibilitava ao paciente pagar de uma forma que fosse aceitável para ambos.

**PSI. 02** – [...] muitas vezes a estratégia que dava para fazer era quando o paciente perguntava: “posso ficar pagando por mês?” Entendesse [sic], quando você conhecia bem aquele paciente e ele vinha: posso juntar duas? Isso era um meio de estratégia que tinha pelo fato de eu pegar coisas assim bombásticas.

Fica evidente que cada profissional possui um jeito peculiar de administrar a negociação dos honorários, mas sempre levando em consideração o outro (cliente/paciente). Já que ambos estão em uma relação psicoterapêutica nenhum dos dois devem ser negligenciados, senão a questão dinheiro se tornará um problema que afetará o curso do processo e principalmente sua eficácia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando optamos em realizar uma pesquisa cujo título é *Psicoterapia: quanto custa a sessão?* Foi por percebermos em nossa própria formação um déficit pela falta de instrução acerca do tema. Por essa razão queríamos entender se outros profissionais enfrentavam dificuldades quando precisavam definir o valor do seu trabalho na psicologia clínica, especificamente no atendimento em psicoterapia no consultório particular.

Com esta pesquisa ficou evidente que no grupo pesquisado ou inexistiu formação sobre o assunto ou quando houve alguma instrução ela não aparece de forma consistente ou sistemática, de modo que as instituições formadoras e os professores dos cursos de psicologia precisam repensar sobre esta questão, pois se o honorário é um aspecto importante do enquadre e o mesmo pode interferir no processo psicoterapêutico, o que justifica o mesmo estar sendo negligenciado na graduação?

Sabemos que a escassez de teoria acerca do tema é significativa, mas diante deste problema precisamos nos implicar na produção científica de tal material a partir das nossas experiências, de forma a fortalecer a nossa profissão. Longe de termos a pretensão de criar uma cartilha, já que sabemos que as diferentes abordagens psicológicas tratam do assunto de modo diferente, precisamos, porém, fornecer uma base minimamente sólida que norteie e forneça uma sustentação para o manejo clínico.

As principais dificuldades enfrentadas pelas psicólogas que participaram do estudo foram inicialmente uma forte ansiedade em não saber quanto valia o seu trabalho e principalmente por estarem começando a atuar consideravam que deveriam cobrar pouco. A questão dos estereótipos atribuídos ao papel do psicólogo pelo senso comum também foi elencada

como uma dificuldade, já que as pessoas não valorizam o trabalho do profissional por ser, de acordo com o imaginário social, apenas uma conversa que poderiam ter com amigos ou por conseguirem amenizar suas angústias indo ao shopping, por exemplo; e, por fim, o contexto socioeconômico do país foi destacado como um aspecto que não favorece o ato de cobrar pelo serviço de psicologia.

Ao final, uma das vivências que consideramos uma alternativa atrativa para o enfrentamento da dificuldade de não saber como definir o valor das sessões foi a consulta aos colegas de profissão para identificar se os valores praticados estavam dentro da média e principalmente a troca de experiência que pode favorecer o manejo do enquadre para ambos que se disponibilizam a dialogar sobre o assunto.

Outra alternativa interessante foi a flexibilização do valor e da forma de pagamento, baseada na relação individual com cada cliente, pois sabemos que cada relação é única e sempre surgirão peculiaridades próprias de cada vivência clínica, tendo como principal referência de limite aquilo que é confortável para ambos, de modo que a questão dinheiro fique resolvida e não venha a ser um empecilho para o processo.

Convencidos de que não esgotamos o assunto, desejamos que outros pesquisadores possam dar continuidade a esta discussão levantada neste artigo de modo a favorecer a formação dos psicólogos e principalmente a qualidade dos serviços a que a sociedade terá acesso.

## REFERÊNCIAS

- Assis, C. L. de, & Mattheus, G. A. de S. (2014). Representações sociais sobre a psicologia e o psicólogo em universitários de uma faculdade privada de Rondônia, Brasil. *Aletheia*, 43-44, 66-90. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942014000100006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942014000100006&lng=pt&tlng=pt).
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Calligaris, C. (2008). *Contardo Calligaris: cartas a um jovem terapeuta*. Rio de Janeiro: Elsevier.

- Conselho Federal de Psicologia – CFP. (2005). Código de Ética do Profissional de Psicologia. Recuperado de <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>
- Ferreira Neto, J. L., & Penna, L. M. D. (2006). Ética, clínica e diretrizes: a formação do psicólogo em tempos de avaliação de cursos. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 381-390. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722006000200017>
- Figueiredo, L. C. M. (2008). *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes.
- Gross, C. M. (2008). *A percepção dos honorários na prática clínica por psicoterapeutas*. (Dissertação de Mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo). Recuperado de <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2877>
- Gross, C., & Teodoro, M. L. M. (2009). A cobrança dos honorários na prática clínica por psicoterapeutas: uma revisão de literatura. *Aletheia*, 29, 117-128. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942009000100010&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942009000100010&lng=pt&tlng=pt).
- Noronha, O. R. (2007). O estagiário-psicoterapeuta e as relações de pagamento/dinheiro com os pacientes de clínicas-escola. *Psicólogo informação*, 11(11), 127-145. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-88092007000100008&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092007000100008&lng=pt&tlng=pt).
- Vergara, S. C. (2006). *Métodos de pesquisa em administração* 2ª Ed. São Paulo: Atlas.
- Vergara, S. C. (2009). *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 11ª Ed. São Paulo: Atlas.
- Turato, E. R. (2008). *Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes.
- Zimmerman, D. E. (2004). *Manual de técnica psicanalítica: uma revisão*. Porto Alegre: Artmed.

Recebido em 01/04/2019

Aceito em 03/03/2020